



As ideias de Jean Piaget nos jornais brasileiros dos anos 1920

The Jean Piaget's Ideas in 1920's Brazilian Journals

André Elias MORELLI RIBEIRO

Universidade Federal Fluminense

andre.elias.morelli@gmail.com

Alessandra Costa de SOUZA

Universidade Federal Fluminense

alessandracs@id.uff.br

Abstract. *The Swiss psychologist and epistemologist Jean Piaget has a fundamental role in the constitution of Brazilian psychology and was also influential in the field of education. However, there are few studies on the arrival and circulation of his ideas in the country. This study seeks to present and discuss the presence of Piagetian ideas in Brazilian newspapers from the 1920s. To do this, it uses as a historical source the newspapers available in the Brazilian Digital Library. Nine texts mentioning Piaget between 1925 and 1929 by journalists, educators, medical doctors and psychologists were located. The data shows that the 1920s were the period when Brazilian thinkers and intellectuals began to appropriate Piaget's ideas, but they only mention him marginally. Journalists only record his presence at an event and a library; educators mention him alongside the prominent figure of Claparède; and medical doctors appropriate his ideas to defend different theses related to children. The exception is Sylvio Rabello, who shows a good knowledge of the Swiss psychologist and best discusses his ideas. The process of indigenization and the creation of Brazilian centers for the discussion of Piaget should really begin in the following decades, with the 1920s still being a time of initial rapprochement.*

Keywords: *History of Psychology. History of Psychology in Brazil. Piaget, Jean William Fritz (1896-1980).*

Resumo. O psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget tem um papel fundamental na constituição da psicologia brasileira, sendo influente também na educação nacional. Contudo, são poucos os estudos sobre a chegada e circulação de suas ideias no país. O presente estudo busca



apresentar a discutir a presença do pensamento piagetiano nos jornais brasileiros dos anos 1920. Para isto, utiliza como fonte histórica o material disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Foram localizados nove textos com menções a Piaget entre 1925 e 1929 feitas por jornalistas, educadores, médicos e psicólogos. Os dados mostram que os anos 1920 foram o período do início da apropriação de Piaget por parte de pensadores e intelectuais brasileiros, que o mencionam de forma marginal. Os jornalistas apenas registram sua presença em um evento e uma biblioteca; os educadores o mencionam junto à figura proeminente de Claparède; e os médicos se apropriam de suas ideias para defender teses relativas à criança. A exceção é Sylvio Rabello, que mostra um bom conhecimento sobre o psicólogo suíço e debate suas ideias com mais profundidade. O processo de indigenização e a criação dos centros brasileiros de discussão de Piaget deve começar efetivamente em décadas seguintes, sendo os anos 1920 ainda um momento de primeiras aproximações.

Palavras-chave: História da Psicologia. História da Psicologia no Brasil. Piaget, Jean William Fritz (1896-1980).

Recebido: 11/03/2025 Aceito: 12/05/2025 Publicado: 01/06/2025

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.481

1. Apresentação

Neste trabalho, apresentam-se alguns resultados de uma pesquisa que investigou a chegada e circulação das ideias do psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) no Brasil dos anos 1920. Como fonte de pesquisa, foram eleitos os jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), da Biblioteca Nacional. Parte da Biblioteca Nacional Digital (BN Digital), a HDB possui um vasto repositório que reúne jornais, revistas, almanaques, anuários e boletins, com acesso livre e gratuito para qualquer dispositivo conectado à internet. Tal acervo digital, abundante e rico, é de grande relevância para pesquisadores, pois abrangendo desde as primeiras publicações da imprensa brasileira até os jornais impressos que deixaram de circular já no século XX (Bettencourt; Pinto, 2013).

Com isso, pretende-se contribuir para o campo de estudos da história de Piaget no Brasil, pesquisador cujas ideias tiveram grande influência na formação da psicologia brasileira, mas cuja história ainda carece de investigações (Vasconcelos, 1996). Busca-se colaborar na construção de um conhecimento histórico sobre a chegada das ideias de Piaget ao Brasil, analisando como foram compreendidas pelos intelectuais brasileiros e como participaram de debates nacionais que atravessavam ou foram atravessados pela psicologia. Essa construção será articulada com a história política e social do Brasil, trazendo os contextos de produção e interlocução de brasileiros com as ideias de Piaget.

Nos anos 1920, Piaget ainda não era o nome amplamente conhecido no universo da psicologia. No começo dessa década, ele havia acabado de se mudar de Paris para Genebra, assumindo o

cargo de *Chef des Travaux*¹ das pesquisas do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Piaget, 1976). Ele havia publicado alguns poucos artigos no campo da psicologia, apesar de sua importância. Piaget começou a ser conhecido em alguns círculos da psicologia após a publicação de seu *Le langage et la pensée chez l'enfant*² (Piaget; Claparède, 1923) em 1923. Posteriormente, em 1926, com a publicação de *La représentation du monde chez l'enfant*³ (Piaget, 1926), sua fama aumentou, e Piaget passa a ser reconhecido em círculos mais amplos, sendo convidado a palestrar em eventos pela Europa. Contudo, sua fama global veio mesmo somente com a criação do Centre International d'Épistemologie Génétique⁴, (CIEG) nos anos 1950.

Retornando aos anos 1920, vivia-se no Brasil um aumento no interesse científico sobre a criança, de modo que educadores, juristas, médicos e outros intelectuais buscavam na Europa ideias, teorias e métodos de investigação sobre a infância que pudessem ser aplicados no Brasil. Foi nesse contexto que o primeiro laboratório brasileiro de psicologia foi criado, por obra de Manoel Bomfim (Antunes, 2003), no Pedagogium, visando compreender melhor as crianças brasileiras. A chamada Escola de Genebra (Ratcliff, 2006), por meio das conexões de Claparède com diferentes brasileiros e europeus morando no Brasil, teve um papel essencial, pois oferecia fundamentos científicos sobre a infância por meio de inúmeras pesquisas (Campos, 2023).

Dentre as muitas pesquisas conduzidas em Genebra, estavam também as de Piaget, cuja importância crescente nos anos 1920 ainda era ofuscada pela imagem de Édouard Claparède, diretor do Institut Jean-Jacques Rousseau e psicólogo reconhecido internacionalmente (Rosa; Ribeiro, 2022). É por meio de inicialmente tímidas aproximações com seus diferentes estudos sobre a infância que as ideias de Piaget chegam ao Brasil, em diferentes contextos e grupos de produção científica e intelectual relacionados à criança, com destaque para a educação e a psicologia.

2. Panorama histórico do Brasil nos anos de 1920

2.1 Notas sobre o Brasil republicano

A Proclamação da República brasileira, em 1889, trouxe uma série de transformações políticas, econômicas e sociais para o Brasil. O movimento que permitiu a emergência da República e colocou o Marechal Deodoro da Fonseca na presidência não contou com o apoio da população, que, no geral, gostava de Dom Pedro II e assistiu atônita ao desenrolar dos eventos daquele dia 15 de novembro (Carvalho, 2017). O que ocorreu foi a institucionalização de um novo regime, baseado em setores do exército e em partes das elites brasileiras, com destaque inicial para a

¹ Literalmente, Chefe dos trabalhos de pesquisa, equivalente à gerente de pesquisa.

² Traduzido nas diferentes edições brasileiras como A linguagem e o Pensamento da Criança.

³ Traduzido nas diferentes edições brasileiras como A Representação do Mundo na Criança.

⁴ Literalmente, Centro Internacional de Epistemologia Genética, espaço onde Piaget desenvolveu quase todas as suas pesquisas desde 1955.

exclusão das oligarquias paulistas, que, mais tarde, assumiriam protagonismo. Esses setores viam a monarquia como um símbolo do atraso brasileiro e entendiam que sua derrubada seria uma condição necessária para a modernização do país (Fausto, 2015).

Após um breve período de relativa participação popular, durante o governo de Floriano Peixoto (Penna, 1997), o acordo que manteve o próprio Floriano no poder delegou às elites cafeeiras de São Paulo o protagonismo político, que ora se aliavam aos políticos profissionais de Minas Gerais e sua oligarquia, ora se aliavam a elites de outros estados, como aconteceu no apoio à candidatura do baiano Rui Barbosa, quando da eleição do Marechal Hermes da Fonseca, apoiado pelo Rio Grande do Sul (Fausto, 2015).

A elite cafeeira paulista exerceu seu poder por meio do Partido Republicano Paulista, em um período em que os partidos eram regionais, e não nacionais, como são atualmente. O poder central não era forte, então grande parte da política ocorria dentro dos estados e em suas articulações mútuas. Com os conflitos da oligarquia de São Paulo pacificados em seu partido, ficou mais fácil para esse grupo ter forte influência sobre o Brasil. São Paulo usou do governo republicano para seus próprios interesses, especialmente no controle dos preços do café, principal produto de exportação do Brasil, cedendo ou excluindo outros grupos oligárquicos nacionais, como os da Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraíba e Pernambuco, de acordo com as necessidades e as conveniências políticas de cada momento (Napolitano, 2022).

Esse governo oligárquico não passou sem resistências. Vendo-se alijados do poder e sob forte opressão dos comandantes frequentemente corruptos e violentos, marinheiros e militares de baixa patente se rebelaram na Revolta da Chibata, em 1910. No sul do país, ocorreu o movimento dos trabalhadores expulsos de suas terras na região do Contestado, entre 1912 e 1916, que lutaram contra as graves injustiças de um governo também corrupto. Na cidade do Rio de Janeiro, destacou-se a Revolta da Vacina, em reação à violência estatal na ocasião da vacinação contra a varíola. A Primeira República também viu a chegada de imigrantes europeus, que trouxeram novos meios de resistência por meio de greves que se tornaram comuns nos anos 1910, inspirados principalmente pelo anarquismo italiano. Essas e outras revoltas mostram o descontentamento da população em diferentes níveis, exercendo pressão sobre o governo central por reformas que melhorassem a qualidade de vida e que inserissem novos grupos nas decisões governamentais.

Na seara social e cultural do início da República, os governantes delegaram à Benjamin Constant a “alma” do que seria o novo Brasil (Carvalho, 2017). Constant era o grande representante brasileiro dos ideais positivistas, muito em voga nos meios militares, e defensor de uma “república sociocrática”, uma espécie de ditadura republicana (Carvalho, 2017). Sua proposta de forma de governo foi rejeitada, mas Constant influenciou bastante na constituição da República, como na separação da igreja do estado, na instituição do casamento civil, entre outros aspectos da vida cotidiana, incluindo a educação. Sob essas influências, o governo republicano criou muitas instituições de bem-estar e gestão social, mas como o poder dos estados se sobrepuja ao poder

central, que estava voltado aos interesses oligárquicos, os efeitos dessas mudanças eram limitados.

Apesar de sua centralidade no início da vida cultural republicana, o positivismo de caserna não parecia circular muito bem entre os outros intelectuais e políticos brasileiros, sendo percebido por muitos como uma importação inapropriada para o contexto nacional (Carvalho, 2017). Já o segundo presidente, Floriano Peixoto, desgostava dessa vertente. Figurando nos símbolos oficiais da nova república, com destaque para a bandeira nacional e seus dizeres “Ordem e Progresso”, os ideais positivistas permaneceram fortes entre os militares, mas no resto do tecido social foram sendo substituídos por outras perspectivas, igualmente vindas da Europa, mas mais bem negociadas com grupos de interesse, instituições e a própria cultura brasileira.

2.2 A crise dos anos 1920

Apesar da aparência de monótona alternância de poder entre as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, o Brasil republicano também apresentava sutilezas importantes. A capital da república apresentava uma estrutura econômica e social mais complexa do que a mera submissão a grupos de oligarquias agrárias, o que levava à constituição de interesses diversos em relação ao simples controle do preço do café. Na cidade, concentrava-se ainda uma classe média composta de burocratas do estado, profissionais liberais e oficiais intermediários do exército, os quais tinham projetos distintos do “condomínio de fazendeiros” que caracterizava o poder central e desejavam participar da modernização do Brasil (Fausto, 2015; Napolitano, 2022).

Além disso, em São Paulo também se observava uma crescente diversificação econômica e social, embora em menor do que na observada capital federal. Produtores de algodão, profissionais ligados à pequena indústria de transformação da cidade de São Paulo e a crescente indústria férrea que se espalhava pelo estado contribuíram para a formação de uma nova classe média. Esses grupos se aliaram nas grandes greves de 1917, fortalecendo novos segmentos sociais interessados na participação política e comprometidos com novas visões de Brasil (Fausto, 2015).

No caso do Nordeste, a economia era bem menos dinâmica, com a existência de uma pequena indústria em Pernambuco ao lado de velhos oligarcas da terra. O exército tornou-se um caminho para os jovens filhos de produtores rurais empobrecidos por secas e conflitos fundiários com grandes latifundiários. Incapazes de assumir postos de elite, sempre destinados aos eleitos dos grupos políticos privilegiados, esses jovens deram origem ao tenentismo — uma força política até certo ponto popular e bastante relevante, influenciada por ideias positivistas.

De modo geral, esses grupos estavam, cada um a seu modo, preocupados com a “questão social”, que era tratada pelo governo central como um caso de polícia (Napolitano, 2022). A pressão sobre o governo era intensa e levou ao surgimento de diversos movimentos de resistência. O Partido Comunista do Brasil nasceu nesse período, que também viu a eclosão de revoltas armadas tenentistas, como no Forte de Copacabana e a ocupação de São Paulo. Ainda em São Paulo, em

1926, foi fundado o Partido Democrático, com um programa liberal, reformista e modernizador. Conforme explica Napolitano (2022), o cenário de crescentes pressões sociais levou parte da oligarquia a considerar certas reformas, motivadas pelo receio de uma guerra civil ou de uma revolução que os tirasse do poder.

A década de 1920, portanto, foi um período marcado por transformações significativas que visavam à reforma do estado brasileiro, ainda voltado quase exclusivamente aos interesses das elites agrárias e com pouco interesse genuíno na modernização do país. Essa situação política contrastava com o crescente dinamismo social e econômico do país, não contemplado pela estrutura política vigente. Foi um período em que iniciativas individuais e coletivas de pressão por reformas, como a Semana de Arte Moderna de 1922, a união dos intelectuais que viriam a propor o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a Semana Regionalista no Recife liderada por Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, expressaram demandas por transformações. Frequentemente, essas iniciativas tomavam a Europa como referência para ideias a serem implantadas em um Brasil mais moderno e renovado.

2.3 História policêntrica, indigenização e a fonte jornalística

O marco do surgimento da psicologia científica já está relativamente estabilizado entre os historiadores, que reconhecem em Wilhelm Wundt seu fundador e, como o ato fundante, a criação do laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig, na Alemanha (Brock, 2022). Após a criação “oficial” da psicologia científica, emergiram várias formas de psicologia, com diferentes propostas, projetos e epistemologias em distintos países.

Contudo, essa multiplicidade de psicologias não recebeu a devida atenção adequada por parte da maioria dos livros sobre a história da psicologia. Com o aumento da produção de obras sobre o assunto nos EUA, que se consolidou como o principal centro de estudos históricos da psicologia (Brock, 2022), a narrativa dominante ao longo de quase todo o século XX passou a privilegiar os acontecimentos relativos à psicologia daquele país, negligenciando eventos importantes que não tiveram tanto impacto ou alcance na América do Norte. A psicologia francesa, por exemplo, embora tenha exercido influência significativa na constituição da psicologia latina-americana, é raramente mencionada pelos manuais produzidos no Norte que, por sua vez, são amplamente utilizados no Brasil. Desse modo, criou-se uma distorção na qual a narrativa histórica dominante no país se ancora na psicologia dos EUA, relegando a segundo plano experiências e tradições relevantes para a formação da psicologia brasileira.

Esse problema foi enfrentado por historiadores da psicologia por meio de noção de geografia intelectual (Pickren; Rutherford, 2012), a qual reconhece a centralidade europeia e, sobretudo, norte-americana nas narrativas históricas tradicionais. Ao longo do século XX, consolidou-se a ideia de que existiriam centros produtores de uma psicologia autêntica — notadamente os Estados Unidos e, em menor escala, a Europa —, cuja produção seria posteriormente exportada para países periféricos, como o Brasil. Esse modelo centro-periferia sustentou a concepção de

que a psicologia produzida fora dos grandes centros seria uma aplicação parcial, e por vezes equivocada, da “verdadeira” psicologia elaborada no hemisfério Norte.

Em resposta a esse paradigma, o historiador Kurt Danziger propôs, na década de 1990, uma nova abordagem historiográfica, denominada história policêntrica da psicologia (Brock, 2023; Danziger, 2023). Essa perspectiva recusa a dicotomia entre centros produtores e periferias receptoras, e defende que a psicologia se desenvolve e se aplica de maneiras distintas ao redor do mundo, de acordo com as condições e necessidades locais. Nesse sentido, Danziger (2024; 2023) sugere, portanto, que se escrevam histórias da psicologia que possam contemplar essa multiplicidade de centros de psicologia, rompendo com uma concepção colonizadora e centralizadora.

Importa destacar que tais centros não se desenvolveram de forma completamente isolada. A circulação de materiais impressos sempre foi intensa. Porém, nem tudo em uma psicologia é “exportável”, e frequentemente um modelo de psicologia originado em outro país tornava-se diferente a ponto de ser irreconhecível em outro (Danziger, 2024). Isso demonstra que a transferência de ideias e práticas psicológicas entre contextos raramente ocorre de forma direta ou homogênea — o que pode, inclusive, ser interpretado como uma forma de resistência dos países periféricos às tentativas de homogeneização promovidas pelos centros universalizantes. Esse processo de adaptação e modificação das psicologias às realidades locais é conhecido como “indigenização da psicologia” (Danziger, 2024). Sobre o processo, explica o autor, citando outros autores:

Em alguns casos, a indigenização envolve mudanças relativamente superficiais nas práticas disciplinares recebidas. Variáveis anteriormente não reconhecidas da psicologia da personalidade [ou] da psicologia social podem ser adicionadas àquelas investigadas no Ocidente, ou a pesquisa pode ser direcionada a problemas e áreas problemáticas anteriormente negligenciadas ou esquecidas. Mas, em outros casos, as mudanças decorrentes da indigenização são mais profundas, levando a uma reestruturação fundamental dos métodos de pesquisa psicológica (Smith, 1999) e à substituição de categorias e conceitos psicológicos tradicionais por alternativas aparentemente incomensuráveis (Enriquez, 1987, 1993; Nsamenang, 1992). (Danziger, 2024, p. 25)

Em outras palavras, o processo de indigenização ocorre a partir de uma série de negociações que envolvem não apenas aspectos teóricos, técnicos e metodológicos. Ele também contempla interesses políticos, sociais e institucionais, além das resistências e enfrentamentos dos espaços onde ocorre o processo de implantação do saber psicológico implantado. Em síntese, as trocas internacionais pressupõem sempre a existência de um campo de traduções e translações (Latour, 2002), que permite a circulação de ideias, conceitos e práticas entre contextos distintos.

O Brasil dos anos 1920 ainda era um país essencialmente agrário, profundamente desigual, com uma educação básica frágil e uma ciência nascente. A psicologia científica, nesse contexto, ainda era uma novidade, que chegava ao país por meio de diferentes modos de apropriação. Essas apropriações ocorriam em um espaço já atravessado por crenças, valores e saberes acerca do

“psicológico”, enraizados em visões de mundo consolidadas no país (Massimi, 2016). Assim, o processo de indigenização da psicologia no Brasil configura-se como um mosaico rico e com muitas nuances, visto que o próprio país é bastante heterogêneo em suas condições políticas, sociais, históricas, econômicas e culturais onde ocorrem as negociações.

O presente trabalho analisa a recepção das ideias piagetianas conforme sua adequação aos problemas e discussões nos quais o psicólogo suíço é mencionado em jornais dos anos 1920 disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB). Naquele período, os jornais exerciam diferentes funções sociais e concentravam grande parte do debate público, envolvendo políticos, personalidades, cientistas e intelectuais (Barros, 2019). A psicologia científica também encontrava espaço nessas publicações (Rosa, 2020) — a exemplo das conferências proferidas por Claparède, da Escola de Genebra, que foram publicadas integralmente em jornais da época (Rosa & Ribeiro, 2022) —, o que sugere sua confiabilidade para a análise histórica da psicologia científica no país. Assim, a fonte jornalística se mostra relevante para a compreensão das formas de apropriação e circulação de ideias psicológicas em diferentes contextos nacionais. Considerando que Piaget é um autor europeu, essa fonte também pode apresentar elementos sobre indigenização e circulação de ideias.

Cada um dos nove textos localizados será abordado de forma individual ou em conjunto, considerando suas relações mútuas, os atravessamentos e as tramas sociais, políticas e históricas que sustentaram sua emergência, com uma interpretação geral sobre seus significados dentro da perspectiva da indigenização e da história policêntrica.

3. Materiais e métodos

Utilizou-se como fonte de pesquisa os jornais disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira, parte da Biblioteca Nacional Digital. A Hemeroteca é um vasto repositório de jornais brasileiros em formato digital que estão em domínio público ou cujos direitos foram cedidos à Fundação Biblioteca Nacional (Bettencourt; Pinto, 2013). O processo de criação da HDB envolveu a digitalização de materiais previamente microfilmados, convertidos em arquivos de imagem no formato TIFF, com resolução de 300 ppi, o que facilita o processo de reconhecimento óptico de caracteres (OCR) que, no caso da HDB, é feito pela aplicação Abby FineReader 11 Professional (Bettencourt; Pinto, 2013).

Os arquivos digitalizados foram associados a um conjunto de metadados, que inclui autoria, local, data, entre outros (Bettencourt; Pinto, 2013). A recuperação pública do material é feita por meio do site oficial da Hemeroteca Digital, que permite buscas por autor, título, editor, datas (por década) e palavras-chave. Para a presente pesquisa, foram utilizados os metadados data, ajustada para o período entre 1920 e 1929, e palavra-chave “Piaget”, abrangendo todos os periódicos disponíveis na plataforma. Esse conjunto de parâmetros leva o sistema de OCR da hemeroteca a buscar a palavra “Piaget” em todo o conteúdo digitalizado dentro do período indicado,

apresentando em formato de imagem as páginas encontradas, com destaque amarelo nas ocorrências da palavra.

Com esse método, foram localizados nove textos, sendo o mais antigo datado de 28 de abril de 1925 e o mais recente de 3 de julho de 1929. Os jornais com menções a Piaget no período indicado são: A Federação, A Educação, O Paiz, Sciencia Medica, Brazil Medico (duas ocorrências), A Provincia, Toda Semana e Jornal Commercio⁵. Após a análise, verificou-se que, em todos os casos, a menção referia-se ao psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget, de modo que todos os textos foram incluídos na análise, não havendo exclusões.

Em seguida, os dados bibliográficos de cada conteúdo localizado foram anotados, e o material foi lido, sintetizado e comentado. O próximo passo foi elaborar uma lista com os autores dos textos e outras personalidades mencionadas, cujas trajetórias e ideias foram pesquisadas por meio de uma revisão bibliográfica, permitindo compreender diversos atravessamentos históricos de cada texto. Também foi levantada bibliografia acerca dos jornais em que os documentos foram encontrados, o que possibilitou uma análise contextual mais rica, cruzada com conhecimentos sobre a história do Brasil Republicano.

4. Resultados e discussão

4.1 A primeira aparição de Piaget nos jornais brasileiros

A primeira aparição de Piaget nos jornais disponíveis para pesquisa na HDB é a tradução de uma resenha de seu livro *A Linguagem e o Pensamento na Criança* (Piaget; Claparède, 1923), escrita por Félix Pierre Pécaut e traduzida por Ed. G. (Pécaut, 1925). O veículo onde a resenha foi publicada é o *A Federação: Orgam do Partido Republicano*, um jornal mantido pelo Partido Republicano Rio-Grandense, do Rio Grande do Sul, destinado a fazer propaganda do Partido e da causa republicana naquele estado (Rausch; Hohlfeldt, 2007).

Em um período de partidos regionais, o Partido Republicano Gaúcho nasceu em 1882, manifestando ideais republicanos que floresciam entre os estanceiros insatisfeitos com o governo monárquico situado no distante Rio de Janeiro, bem como entre militares receptivos às ideias positivistas (Fausto, 2015). O jornal do partido passou a circular em 1884, sob os auspícios de Borges de Medeiros, importante político gaúcho, e foi posteriormente editado por Júlio de Castilhos, relevante e habilidoso jornalista que soube utilizar a publicação que coordenava para criar o sentimento republicano no povo do Rio Grande (Rausch; Hohlfeldt, 2007).

A seção onde a resenha sobre o livro Piaget foi publicada denomina-se “Questões Contemporaneas”. A seção não estava disponível para os leitores nas dez edições anteriores e nas

⁵ Em todos os casos, escolheu-se usar a grafia original dos nomes dos jornais e dos títulos de seus textos, mantendo-se a ortografia original conforme sua época de produção.

dez posteriores àquela onde a resenha do livro de Piaget apareceu, o que sugere que não se tratava, ao menos naquele momento, de uma seção regular. Em outras edições em que a seção pôde ser localizada, encontraram-se textos voltados à atualização dos leitores sobre discussões em curso na Europa, como a questão da vivisseção (Ed. G., 1924), do sufrágio (Ferreiro, 1924) e até mesmo a possibilidade de vida em Marte, com materiais sempre assinados ou traduzidos por Ed. G., cuja identidade não foi possível determinar.

Considerando-se a seção em que foi publicada, não regular e voltada para ideias estrangeiras, bem como o estilo do jornal, republicano e reivindicador da emergência da modernidade, é possível considerar que essa resenha foi incluída em *A Federação* como uma curiosidade europeia, visando satisfazer o interesse dos leitores da publicação sobre acontecimentos mais modernos daquele que consideravam um centro científico e cultural legítimo. Piaget, então um autor emergente, foi escolhido por critérios desconhecidos e permaneceu isolado perante o contexto geral da publicação. Em outras palavras, não se trata de um intercâmbio de ideias nem de um processo de indigenização do pensamento piagetiano.

4.2 Piaget entre os educadores

A circulação das ideias de Piaget entre os pensadores brasileiros ocorreu principalmente por meio das conexões de vários deles com a Escola de Genebra ou com o movimento da Escola Nova (Assis, 2014; Vasconcelos, 1996). A partir dos jornais disponíveis na Hemeroteca, a primeira menção a Piaget feita por uma figura ligada à educação ocorreu em abril de 1925, por Laura Lacombe (1925), educadora entusiasta da Escola Nova e diretora de uma escola no Rio de Janeiro. O texto de Lacombe é um extenso relato sobre sua estadia na Suíça, quando visitou o Instituto Jean-Jacques Rousseau e outros locais. A menção a Piaget, no entanto, é marginal, limitando-se a descrever sua presença nos laboratórios do instituto, sem referências à natureza dos experimentos ou ao pensamento piagetiano.

É certo, contudo, que Piaget era ao menos uma oportunidade de estudos sobre educação, já que o *Jornal do Commercio* lista uma obra de Piaget dentre as disponíveis na biblioteca da Escola Normal de Niterói (DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1929), o que sugere um princípio de interesse no pensamento do suíço. Da mesma forma, Piaget foi incluído na lista de participantes do Congresso do Ensino por dois jornalistas capixabas, no jornal *Vida Capichaba* em 1929 (Pimenta, 1929).

As breves menções na década de 1920 por personagens ligados ao campo educacional — que posteriormente consagraria Piaget no Brasil — demonstram que o interesse dos educadores brasileiros voltava-se principalmente para Claparède, mestre de Helena Antipoff e uma das primeiras a mencionar Piaget no país (Assis, 2014; Vasconcelos, 1996). Piaget, na educação brasileira dos anos 1920, era ainda um figurante em processo de ascensão (Assis, 2023, 2014), sem estabelecer conexões ou intercâmbios com seus colegas brasileiros.

4.3 O núcleo médico

Vasconcelos (1996) destaca que, além da educação, Piaget também foi debatido em outros núcleos intelectuais, como o da medicina. Nesse grupo, Juliano Moreira foi o primeiro médico a mencionar o nome de Piaget nos jornais disponíveis na hemeroteca, em um artigo sob o título “Psychologia do Testemunho”, publicado em 1925 (Moreira, 1925).

Filho de uma mulher negra, pobre e mãe solteira, Juliano Moreira recebeu os auspícios de seu padrinho, Luís Adriano Alves de Lima Gordilho, segundo barão de Itapuã e médico notório, para ingressar no curso de medicina (Sousa; Fischer, 2024). Perseguido por ser um médico negro cercado de homens brancos, foi ajudado por vários de seus colegas a enfrentar o racismo em diferentes ocasiões (Sousa; Fischer, 2024). Quando assumiu o Hospital Nacional de Alienados, Moreira empreendeu reformas significativas voltadas à humanização da instituição (Sousa; Fischer, 2024), deixando um importante legado para a história da saúde mental no Brasil. Seu talento prodigioso foi reconhecido internacionalmente, sendo o único psiquiatra das américas a ser citado na galeria dos proeminentes psiquiatras pela Revista *Psychiatrische, Neurologische Wochenschrift* (Sousa; Fischer, 2024).

Dessa maneira, no texto em questão, Moreira celebra o ingresso de pesquisas psicológicas conduzidas na Europa, cujo objetivo era aprimorar o entendimento dos juristas sobre o uso do testemunho judicial como prova forense (Moreira, 1925). O autor também destaca a forte resistência de diversos operadores do direito quanto à utilidade das pesquisas em psicologia e psiquiatria para a justiça, lamentando a ausência da disciplina de Psicologia Jurídica nos cursos de direito no Brasil, embora reconheça e celebre esforços individuais voltados à aproximação entre as duas áreas (Moreira, 1925).

Ao apresentar seu posicionamento sobre a psicologia do testemunho, expressão que dá título ao artigo, Moreira afirma que, para entendê-lo, deve-se considerar aspectos morais, intelectuais, afetivos e físicos (Moreira, 1925). No que tange o aspecto intelectual, Moreira destaca outros três aspectos, que são a idade, a cultura e a experiência. Analisando o testemunho de crianças a partir desses elementos, conclui que o testemunho infantil é pouco confiável, pois, segundo ele, os pequenos não têm, naturalmente, em seu espírito, o respeito à verdade (Moreira, 1925). Conforme a interpretação de Moreira acerca das investigações de Piaget, as crianças têm um modo de pensamento místico, mitológico e delirante, o que corrobora a opinião freudiana sobre o assunto (Moreira, 1925). De fato, Piaget argumenta em seus primeiros trabalhos que o pensamento da criança é primitivo, inspirado no pensamento de Lucien Lévy-Bruhl (Piaget, 1921; Piaget; Claparède, 1923; Piaget, 1924). No entanto, parece que Moreira toma essa noção de “primitivo” de forma distinta daquela originalmente proposta pelo pensador genebrino, utilizando-a para desqualificar o testemunho infantil de modo peculiar e pouco aderente ao pensamento piagetiano, mesmo da década de 1920.

Além disso, há uma apropriação do pensamento Piaget no campo médico feita por Augusto Linhares, um dos precursores da fonoaudiologia no Brasil. Em uma apresentação sobre os

chamados defeitos de fala e as suas terapêuticas, Linhares (1929) expõe, a título de digressão, diferentes concepções de infância propostas por pesquisadores como Stumpf e Claparède, descrevendo as fases do desenvolvimento conforme cada um.

O fonoaudiólogo posiciona-se contra a tese da maturação da linguagem como instinto, defendendo, em vez disso, a hipótese do amadurecimento neurobiológico em conexão com outros sistemas fisiológicos (Linhares, 1929). Esses sistemas, segundo ele, dependem da experiência e da aprendizagem para o seu desenvolvimento. Piaget, de acordo com Linhares (1929); seria contrário a essa percepção, pois defenderia que as crianças são quase impermeáveis à experiência. Trata-se de uma visão parcial e limitada da tese piagetiana — única menção a Piaget no artigo —, mas que parece tentar enfatizar a dificuldade infantil de compreender certos aspectos da linguagem adulta, conforme descrito por Piaget em algumas obras da década de 1920 (Piaget, 1927, 1926, 1924; Piaget; Claparède, 1923).

Em uma citação ainda mais breve, Jorge Valente, então aluno de medicina e que se tornaria o primeiro diretor da Escola de Medicina e Saúde Pública da Bahia, apresentou uma comunicação em um congresso médico sobre ideias relacionadas à educação sexual, mencionando Piaget como um dos mestres no estudo da educação da criança, mas sem maiores explicações (COMUNICADO DO DOUTORANDO JORGE VALENTE, 1928; SOBRE A HIGIENE SOCIAL, 1928).

As três apropriações citadas do pensamento piagetiano na medicina, feitas por Moreira, Linhares e Valente, são superficiais, breves e carentes de precisão teórica, o que sugere uma assimilação apressada, em que os autores estrangeiros são mobilizados principalmente para sustentar as teses nacionais sobre os assuntos abordados por cada um dos médicos mencionados, que se interrompem diálogos bastante limitados quando se trata do pensamento de Piaget. Deve-se considerar também que as normas de produção e circulação científicas na medicina são diferentes da psicologia, o que pode indicar uma pré-história da indigenização das ideias piagetianas, lidas a partir de uma episteme significativamente diferente daquela proposta por Piaget nos anos 1920.

4.4 Uma psicologia brasileira? O diálogo de Sylvio Rabello com Jean Piaget

Em sua edição de sábado, 29 de dezembro de 1928, o jornal pernambucano A Província publicou um texto de Sylvio Rabello dedicado à análise da literatura infantil (Rabello, 1928). Médico de formação, Rabello foi um dos grandes intelectuais de Recife e de sua época, sendo amigo e colaborador de Gilberto Freyre, que o indicou, em 1965, para o Departamento de Psicologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social.

Rabello empreendeu diversos esforços para o desenvolvimento da psicologia no país, publicando livros como Psicologia do Desenho Infantil (Rabello, 1935) e A Psicologia da Criança (Rabello, 1937), sempre em diálogo com ideias e autores estrangeiros. Ocupou diferentes cargos na área

educacional do Recife e conduziu pesquisas de campo em sociologia e psicologia junto a seus alunos (Valente, 1984).

Quando escreveu o artigo jornalístico “Os livros que se destinam às creanças” (Rabello, 1928), Sylvio Rabello lecionava na Escola Normal do Recife, posteriormente transformada no Instituto de Educação de Pernambuco (Valente, 1984). À época, ainda não havia publicado suas obras sobre a infância, nem era reconhecido fora de seu círculo mais próximo como um estudioso da psicologia. O texto se inicia com elogios à recente obra de Alceu Amoroso Lima, *Estudos* (Lima, 1927), que conta com uma seção dedicada à literatura infantil. Rabello observa que Lima classificou essa literatura em duas categorias: os pedagogistas e os mercantilistas.

Os pedagogistas seriam aqueles livros utilizados como leitura obrigatória na escola, repletos de preceitos morais e de ensinamentos austeros e dogmáticos voltados para a vida adulta (Rabello, 1928). Esse tipo de literatura infantil era comum na Primeira República, período em que se acreditava que a educação e a leitura deveriam formar o espírito do novo cidadão republicano (Hansen, 2007). Por sua vez, os mercantilistas são classificados por Rabello como simplesmente “detestáveis” (Rabello, 1928).

Diante desse cenário, Rabello defende a importância do estudo da psicologia infantil, em especial daquela desenvolvida por Jean Piaget, a quem considera o pesquisador que melhor compreendeu a estrutura do pensamento infantil (Rabello, 1928). Para Rabello, pouco importa o uso de temas infantis ou situações pitorescas nas obras destinadas às crianças: é necessário, antes, compreender o raciocínio próprio e peculiar desse público. Ao mencionar *O Juízo e o Raciocínio na Criança* (Piaget, 1924), Rabello destaca corretamente a conclusão piagetiana sobre o pensamento egocêntrico da criança, que ainda não é capaz de formular conclusões a partir de sistemas gerais de entendimento do mundo, operando com base em justaposições e sincretismos ou, como sintetiza Piaget, por meio de raciocínios transdutivos — formas de pensamento que não são nem dedutivas nem indutivas, mas que se movem do particular para o particular (Rabello, 1928).

No que diz respeito à compreensão da realidade pela criança, Rabello (1928) recorre à obra *A Causalidade Física na Criança* (Piaget, 1927), na qual o autor suíço aponta a idade de sete anos como o marco inicial do pensamento formal. Fazendo uso também do conceito de Luquet sobre o “realismo intelectual” (Rabello, 1928), Rabello observa que o mundo infantil é construído por meio de representações distintas daquelas elaboradas pelos adultos, não sendo uma mera reprodução da realidade concreta. Conclui, então, que o mundo da criança é um “mundo caleidoscópico” (Rabello, 1928). Com base nisso, defende que a arte voltada às crianças deve também ser uma arte das crianças (Rabello, 1928), ou seja, oriunda desse mesmo mundo caleidoscópico. Sugere, assim, que os escritores de literatura infantil devem penetrar na alma da infância e compreender o mundo a partir de seu espírito diferenciado ou, como o próprio Rabello denomina, devem se “reinfantilizar” (Rabello, 1928).

Considerando a fonte pesquisada – os jornais da HDB - e confrontando-a com a literatura especializada (Assis, 2023, 2014; Vasconcelos, 1996) é possível supor que Rabello foi o primeiro a ler e dialogar efetivamente com o pensamento piagetiano. Ele interpreta e aplica o pensamento de Piaget a problemas brasileiros e estabelece conexões com outros autores. Trata-se do início da indigenização, já que Rabello, posteriormente, irá se posicionar de forma crítica em relação aos conceitos e conclusões estrangeiras, fundamentando-se em suas próprias reflexões e pesquisas.

5. Conclusão

O presente trabalho propôs-se a investigar a chegada e a circulação do pensamento piagetiano no Brasil a partir dos jornais da década de 1920 disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. Localizaram-se nove textos, organizados em quatro núcleos temáticos — Primeira aparição, Educação, Núcleo médico e Sylvio Rabello —, cujas menções e incorporações de Piaget variam conforme o grupo intelectual envolvido.

A indigenização do pensamento piagetiano nos anos 1920 revela-se variável, dependendo das negociações e interesses dos grupos intelectuais que o leem, bem como dos objetivos atribuídos à aplicação de suas ideias. Na primeira aparição de Piaget, não se observa propriamente uma indigenização, mas sim o atendimento a interesses editoriais do jornal *A Federação*. No caso dos educadores, o diálogo internacional ainda se voltava prioritariamente para Claparède, o que relegava Piaget a um papel secundário — cenário que começaria a mudar apenas nos anos 1930. Pode-se considerar, nesse sentido, uma fase de pré-história das ideias piagetianas na educação brasileira. Já no núcleo médico, a presença de Piaget deve ser interpretada a partir da interlocução entre campos distintos, como medicina e psicologia, com normas e dinâmicas próprias, o que implica uma outra lógica de circulação teórica. O caso notável e distinto é o texto de Sylvio Rabello, que estabelece um diálogo efetivo com o pensamento piagetiano, aplicando-o diretamente a uma questão brasileira.

Portanto, os jornais da Primeira República funcionavam como espaços de apresentação e circulação de ideias científicas, como demonstra o caso de Lourenço Filho, e expressavam com entusiasmo o desejo de modernização científica de um Brasil republicano em busca de reconhecimento internacional. Apesar disso, Piaget ainda era uma figura distante e pouco conhecida no cenário intelectual da década de 1920, período que pode ser compreendido como uma pré-história da introdução de suas ideias no país. Esse quadro começará a se modificar nos anos 1930, acompanhando o crescimento de sua relevância e projeção internacional.

Financiamento

O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio de uma bolsa Programa Institucional de Iniciação Científica (Pibic).

Referências

Antunes, Mitsuko Aparecida Makino. **A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. 3. ed. São Paulo: EDUC e UNIMARCO, v. 1, 2003.

Assis, Raquel Martins. Egocentrismo, pensamento inteligente e vida social: a divulgação das ideias de Jean Piaget na década de 1930 no Brasil. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], n. 27, 2014. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2014/11/assis03.pdf>.

Assis, Raquel Martins. Appropriations of Jean Piaget’s Ideas by the Culture of the Print Media in Minas Gerais State/Brazil (1930–1940): Understanding Children’s Thinking for the Improvement of Education. In: CAMPOS, R. H. de F.; LOURENÇO, É.; RATCLIFF, M. J. (org.). **The Transnational Legacy of Jean Piaget : A View from the 21st Century**. Cham: Springer International Publishing, 2023. pp. 239–253. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-38882-8_15. Acesso em: 8 maio 2024.

Barros, José d'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Disponível em: <https://elibro.net/ereader/elibrodemo/206724>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Bettencourt, Ângela Maria Monteiro; Pinto, Monica Rizzo Soares. A hemeroteca digital brasileira. **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação - FEBAB**, [S. l.], v. 25, pp. 1028–1038, 2013.

Brock, Adrian C. História da história da psicologia. In: RIBEIRO, A. E. M. *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia**. 1. ed. Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, v. 1, pp. 79–143, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7492882>. Acesso em: 29 dez. 2022.

Brock, Adrian C. O Que é uma História Policêntrica da Psicologia? In: RIBEIRO, A. E. M. *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia 2**. trad. Kamilly Gomes Da Silva; André Elias Morelli Ribeiro. Rio das Ostras: Editora do Portal História da Psicologia, pp. 191–213, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8411576>. Acesso em: 29 set. 2023.

Campos, Regina Helena de Freitas. A história da psicologia no Brasil e suas relações com o contexto sociocultural. In: Ribeiro, A. E. M. *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia 2**. 1. ed. Rio das Ostras: Editora do Portal História da Psicologia, v. 2, pp. 16–79, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8392598>. Acesso em: 29 set. 2023.

Carvalho, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COMUNICADO DO DOUTORANDO JORGE VALENTE. **Brazil Medico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**, [S. l.], Rio de Janeiro, ed. 2, seq. Associações Científicas, p. 60, 14 jan. 1928.

Danziger, Kurt. Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia. *In*: Ribeiro, A. E. M. *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia 2**. trad. Artur Medeiros Leite; André Elias Morelli Ribeiro. Rio das Ostras: Editora do Portal História da Psicologia, pp. 214–229, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8414268>. Acesso em: 29 set. 2023.

Danziger, Kurt. Universalismo e Indigenização na História da Psicologia Moderna. *In*: RIBEIRO, A. E. M. *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia 3**. trad. Andre Elias Morelli Ribeiro; Emanuelle Mesquita Alves Da Fonseca. Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, pp. 13–43, 2024. Disponível em: <https://zenodo.org/records/14564243>. Acesso em: 24 jan. 2025.

DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA. **Jornal Commercio**, [S. l.], p. 10, jul. 1929.

ED. G. A viviseção e o sábio Charles Richet. **A Federação: Orgam do Partido Republicano**, [S. l.], Porto Alegre, ed. 176, seq. Questões Contemporaneas, p. 3, 31 jul. 1924.

Fausto, Boris. **História concisa do Brasil**. 3a edição revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2015.

Ferreiro, G. O sufrágio universal e a soberania do povo. trad. Ed. G. **A Federação: Orgam do Partido Republicano**, [S. l.], Porto Alegre, ed. 159, seq. Questões Contemporaneas, p. 2, 10 jul. 1924.

Hansen, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. 253 f. Tese de doutorado em história – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-12022008-111516/publico/TESE_PATRICIA_SANTOS_HANSEN. Acesso em: 10 jan. 2025.

Lacombe, L. O ensino na Suíça. **A Educação: Revista mensal de dedicada à defesa da instrução no Brasil**, [S. l.], , pp. 882–897, abr. 1925.

Latour, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

Lima, Alceu Amoroso A. **Estudos; 1a serie**. Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1927.

Linhares, Augusto. Da linguagem e seus defeitos: meios de corrigil-os. **Brazil Medico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**, [S. l.], , p. 732, jun. 1929.

Massimi, Marina. **História dos saberes psicológicos**. [S. l.]: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.

Moreira, J. Psychologia do testemunho. **O Paiz**, [S. l.], , p. 1, nov. 1925.

Napolitano, Marcos. **História do Brasil república: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022 (Coleção História na Universidade).

Pécaut, F. Uma vista nova sobre o espirito da criança. trad. Ed. G. **A Federação: Orgam do Partido Republicano**, [S. l.], , p. 1, abr. 1925.

Penna, Lincoln de Abreu. **O progresso da ordem: o florianismo e a construção da república**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997.

Piaget, Jean. Une forme verbale de la comparaison chez l'enfant: un cas de transition entre le jugement prédicatif et le jugement de relation. **Archives de psychologie**, [S. l.], v. 18, n. 69/70, pp. 141–172, 1921.

Piaget, Jean.; Claparède, Édouard. **Le Langage et la pensée chez l'enfant**. 1. ed. Neuchâtel; Paris: Delachaux et Niestlé, 1923 (Collection d'actualités pédagogiques. Études sur la logique de l'enfant, XIV).

Piaget, Jean. **Le Jugement et le raisonnement chez l'enfant**. 1. ed. Neuchâtel; Paris: Delachaux et Niestlé, 1924 (Collection d'actualités pédagogiques).

Piaget, Jean. **La Représentation du monde chez l'enfant**. 1. ed. Paris: F. Alcan, 1926 (Bibliothèque de psychologie de l'enfant et de pédagogie, XLIII).

Piaget, Jean. **La Causalité physique chez l'enfant**. Paris: F. Alcan, 1927 (Bibliothèque de psychologie de l'enfant et de pédagogie, 4).

Piaget, Jean. Autobiographie. **Les sciences sociales avec et après Jean Piaget**, [S. l.], v. XIV, pp. 1–43, 1976.

Pickren, Wade E.; Rutherford, Aleksandra. Rumo a uma história global da psicologia. In: ARAÚJO, S. de F. (org.). **História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, pp. 57–66, 2012.

Pimenta, M. E. Toda semana. **Vida Capichaba**, [S. l.], , p. 3, abr. 1929.

Rabello, Sylvio De Lyra. Os livros que se destinam às creanças. **A Provincia**, [S. l.], Recife, ed. 303, p. 3, 1928.

Rabello, Sylvio De Lyra. **Psicologia do desenho Infantil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

Rabello, Sylvio De Lyra. **A psicologia da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

Ratcliff, Marc. L'École de Genève ou le laboratoire de la simplicité. In: RATCLIFF, M. J.; RUCHAT, M. (org.). **Les laboratoires de l'esprit: une histoire de la psychologie à Genève: 1892-1965**. Genebra: Musée d'histoire des sciences, pp. 137–157, 2006. Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:37091>.

Rausch, Fábio Antonio Flores; Hohlfeldt, Antonio. *Jornal A Federação, o difusor da propaganda republicana gaúcha*. **Signos**, [S. l.], v. 28, n. 1, pp. 7–21, 2007.

Rosa, Hugo Leonardo Rocha Silva da. **O burburinho das almas: querelas e outras histórias da psicologia brasileira**. 2020. Doutorado em História das Ciências – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/docs/teses/2020/hugo_leonardo_rocha_silva_da_rosa.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.

Rosa, Hugo Leonardo Rocha Silva da; Ribeiro, André Elias Morelli. A viagem de Claparède ao Brasil. *In*: Ribeiro, André Elias Morelli *et al.* (org.). **Boletim do Portal História da Psicologia**. Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, pp. 286–331, 2022. Disponível em: <https://zenodo.org/record/7492882>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SOBRE A HIGIENE SOCIAL. **Sciencia Medica Revista Brasileira de Medicina e Sciencias e Affins**, [S. l.], , p. 41, jan. 1928.

Sousa, Eduardo Morales; Fischer, Audrey Ribeiro. Homenagem a Juliano Moreira: sinônimo de representatividade e vanguardismo. **Debates em Psiquiatria**, [S. l.], v. 14, p. 1–13, 23 out. 2024.

Valente, Waldemar. Presença de Sylvio Rabello. **Ci. & Tróp.**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 107–121, jul. 1984.

Vasconcelos, Mario Sergio. S. **A difusão das ideias de Piaget no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.